

## MURMÚRIOS DA TARDE

*Écoutez! tout se tait: songe à ta bien-aimée,  
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,  
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux:  
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature  
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,  
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.*  
A. DE MUSSET.

Rosal! Rosa de amor purpúrea e bela!

GARRETT.

ONTEM à tarde, quando o sol morria,  
A natureza era um poema santo,  
De cada moita a escuridão saía,  
De cada gruta rebentava um canto,  
Ontem à tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundez escura  
Brilhava a estrela, como um fruto louro,  
E qual a foíce, que no chão fulgura,  
Mostrava a lua o semicirclo d'ouro,  
Do céu azul na profundez escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!  
Cantava o ninho — suspirava o lago...  
E a verde pluma dos sutis palmares  
Tinha das ondas o murmúrio vago...  
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia imensa,  
Vago concerto de saudade infinda!  
"Sol — não me deixes", diz a vaga extensa,  
"Aura — não fujas", diz a flor mais linda;  
Era dos seres a harmonia imensa!

Dizia as nuvens o choroso orvalho,  
"Rola que foges", diz o ninho antigo,  
"Leva-me ainda para um novo galho..."  
Leva-me! leva-me em teu seio amigo."

"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!  
Inda um calor, antes que chegue o frio..."  
E mais o musgo se conchega à penha  
E mais à penha se conchega o rio...  
"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!"

E tu no entanto no jardim vagavas,  
Rosa de amor, celestial Maria...  
Aii como esquivava sobre o chão pisavas,  
Aii como alegre a tua boca ria...  
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrela transformada em virgem!  
Eras um anjo, que se fez meninal!  
Tinhas das aves a celeste origem.  
Tinhas da lua a palidez divina,  
Eras a estrela transformada em virgem!

Fior! Tu chegaste de outra flor mais perto,  
Que bela rosa! que fragrância meiga!  
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,  
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...  
Fior! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,  
Ouvi que a rosa murmurava ardente:  
"Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,  
Guarda-me, ó bela, no teu seio quente..."  
E eu escutava o conversar das flores.

"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!"  
Também então eu murmurei cismando...  
"Minh'alma é rosa, que a geada esfria..."  
Dá-lhe em teus seios um asilo brando...  
"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!..."

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1869.

Na somora — um moço roto.  
Libertai tribunas, presos...  
São fracos, mesquinhos elos...  
Não calqueis o povo-rei!  
Que este mar d'almas e peitos,  
Com as vagas de seus direitos,  
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,  
Faça-se dele — uma cruz!  
A púrpura sirva ao povo  
Pra cobrir os ombros nus.  
Que aos gritos do Niagara  
— Sem escravos, — Guanabara  
Se eleve ao fulgor dos sóis!  
Banhem-se em luz os prostíbulos,  
E das lascas dos patíbulo  
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade  
É o Moisés no Sinai;  
Das mãos do Eterno recebe  
As tábuas da lei! — Marchai!  
Quem cai na luta com glória,  
Tomba nos braços da História,  
No coração do Brasil!  
Moços, do topo dos Andes,  
Pirâmides vastas, grandes,  
Vos contemplan séculos mil!

Pernambuco, agosto de 1865.

### AO ROMPER D'ALVA

Página feia, que ao futuro narra  
Dos homens de hoje a lassidão, a história  
Com o pranto escrita, com suor selada  
Dos párias miseráveis do mundo!...  
Página feia, que eu não possa altivo  
Romper, pisar-te, recalcar, punir-te...  
PEDRO CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,  
E meu cavalo a galopar se anima  
Aos bafos da manhã.  
A alvorada se eleva do levante,  
E, ao mirar na lagoa seu semblante,  
Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo aos nenúfares,  
Mandam rútilas pérolas dos ares  
De um desfeito colar.  
No horizonte desvendam-se as colinas,  
Sacode o véu de sonhos de neblinas  
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio.  
A barba branca da cascata o rio  
Faz orando tremer.  
No descampado o cedro curva a frente,  
Folhas e prece aos pés do Onipotente  
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso  
Da epopéia gigante do universo,  
Da imensa criação.  
Com tuas matas, ciclopes de verdura,  
Onde o jaguar, que passa na espessura,  
Roja as folhas no chão;

omo és bela, soberba, livre, ousada!  
 m tuas cordilheiras assentada  
 A liberdade está.  
 púpura da bruma, a ventania  
 asga, espedega o cetro que s'erugia  
 Do rio piquiá. *escrava*

ivre o tropeiro toca o lote e canta  
 língua cantiga com que espanta  
 A saudade, a aflição.  
 olto o ponche, o cigarro fumegando  
 embra a serrana bela, que chorando  
 Deixou lá no sertão.

ivre, como o tuvão, corre o vaqueiro  
 pelos mortos e várzea e tabuleiro  
 Do intrincado cipó.  
 que importa os dedos da jurema, aduncos?  
 anta, ao vé-lo, oculta-se nos juncos,  
 — Voa a nuvem de pó.

entre a flor amarela das encostas  
 mostra a testa luzida, as largas costas  
 No rio o jacaré.  
 catadupas sem freios, vastas, grandes,  
 pois a palavra livre desses Andes  
 Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria  
 arguer-se neste século, à luz do dia.  
 Sem pejo se ostentar.  
 é a escravidão — nojento crocodilo  
 Da onda turva expulso. Já do Nilo —  
 Vir aqui se abrigar!...

Dhi Deus! não ouves dentre a imensa orquesta  
 que a natureza virgem manda em festa  
 Soberba, senhori!  
 Um grito que soluça aflito, vivo,  
 O reñir dos ferros do cativo,  
 Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela  
 Onde traçaste a criação mais bela  
 De tua inspiração.  
 O sol de tua glória foi toldado...  
 Teu poema da América manchado,  
 Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —  
 Toldam teus rios — líbricos Eufrates —  
 Dos servos de Sião.  
 E as palmeiras se torcem torturadas,  
 Quando escutam dos mortos nas quebradas  
 O grito de aflição.

Oh! ver não posso este labéu maldito!  
 Quando dos livres ouvirei o grito?  
 Sim... talvez amanhã.  
 Galopa, meu cavalo, serra acima!  
 Arranca-me a este solo. Eia! te anima  
 Aos bafos da manhã!

Recife, 18 de julho de 1865.

(retorna o início)

*Handwritten notes:*  
 Natureza  
 Vaqueiro  
 Tropicano  
 Persepolis  
 Escrava  
 Natureza  
 Vaqueiro  
 Tropicano  
 Persepolis  
 Escrava  
 Natureza  
 Vaqueiro  
 Tropicano  
 Persepolis  
 Escrava





Nem vêem que o deserto é meu sudário,  
 Que o silêncio campeia solitário  
 Por sobre o peito meu.  
 Lá no solo onde o cardo apenas medra  
 Boceja a Esfinge colossal de pedra  
 Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas  
 As cegonhas espiam debruçadas  
 O horizonte sem fim...  
 Onde branqueja a caravana errante,  
 E o camelo monótono, arquejante  
 Que desce de Efraim...

Não basta inda de dor, ó Deus terrível!  
 És, pois, teu peito eterno, inextinguível  
 De vingança e rancor?  
 E que é que fiz, Senhor? que torvo crime  
 Eu cometi jamais que assim me oprime  
 Tu gládio vingador?!

Foi depois do dilúvio... Um viandante,  
 Negro, sombrio, pálido, arquejante,  
 Descia do Arará...  
 E eu disse ao peregrino fulminado:  
 "Cão!... serás meu esposo bem-amado..."  
 — Serei tua Eloá..."

Desde este dia o vento da desgraça  
 Por meus cabelos ululando passa  
 O anátema cruel.  
 As tribos estram do areal nas vagas,  
 E o Nômada faminto corta as plagas  
 No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...  
 Vi meu povo seguir — Judeu maldito —  
 Trilho de perdição.

Depois vi minha prole desgraçada  
 Pelas garras d'Europa — arrebatada —  
 Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte...  
 Teu sangue não lavou de minha fronte

A mancha original  
 Ainda hoje são, por fado adverso,  
 Meus filhos — alimária do universo, avimela de sangue  
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre  
 — Condor que transformara-se em abutre,  
 Ave da escravidão,  
 Ela juntou-se às mais... irmã traidora  
 Qual de José os vis irmãos outrora  
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço  
 Role através dos astros e do espaço  
 Perdão p'ra os crimes meus!...  
 Há dois mil anos... eu soluço um grito...  
 Escuta o brado meu lá no infinito,  
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

S. Paulo, 11 de junho de 1868.

CASTRO  
ALVES

OBRA  
COMPLETA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIO

*Organização, Fixação de texto e Notas de*  
EUGÊNIO GOMES



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

Universidade de São  
Literatura Brasileira  
Prof. Simone R. Ruf

Seleção de poemas c

Poema de sete faces (

Quando nasci, um anjo  
desses que vivem na s  
disse: Vai, Carlos! ser

As casas espiam os ho  
que correm atrás das n  
A tarde talvez fosse az

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la  
brise du soir erre doucement parmi les  
fleurs: rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de noite — dormias,  
Do sonho nas melodias,  
Ao fresco da viração;  
Embalada na falua,  
Ao frio clarão da lua,  
Aos ais do meu coração!

• Ah! que vêm de pallidez  
Da langue face na tezi!  
Como teus seios revoltos  
Te palpitavam sonhando!  
Como eu scismava beijando  
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;  
A minh'alma se embestia  
Em tua alma pensativa!  
E tremias, bella amante,  
A meus beijos, semelhante  
As folhas da sensitiva!

[ 9 ]

E que noite! que luar!  
 E que ardências no mar!  
 E que perfumes no vento!  
 Que vida que se bebia  
 Na noite que parecia  
 Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flor,  
 Ó madresilva de amor,  
 Como eras saudosa então!  
 Como pallida (1) sorrias  
 E no meu peito dormias  
 Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!  
 Como a brisa a soluçar  
 Se desmaiava de amor!  
 Como toda evaporava  
 Perfumes que respirava  
 Nas laranjeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!  
 Ai que ainda me deliro  
 Sonhando a imagem tua (2)  
 Ao fresco da viração,  
 Aos ais do meu coração,  
 Embalada na fahna!

Como virgem que desmaiava,  
 Dormia a onda na praia!

(1) Rara será a página de versos de Alvares de Azevedo, em que se não  
 leia o adjectivo pallida. Cantões emprega a minha — lado. Boacae — clero,  
 Ribeiro dos Santos — sono e Alameda Garrett — doce. Em Les Trophées, de  
 Heredia, or aparece continuamente: só a p. 191 (6ème ed., Paris, 1893), quatro  
 versos.

(2) C. Entrevendo a imagem tua.

Tua alma de sonhos cheia  
 Era tão pura, dormente,  
 Como a vaga transparente  
 Sobre seu leito de arcia!

Era de noite — dormias,  
 Do sonho nas melodias,  
 Ao fresco da viração;  
 Embalada na falua,  
 Ao frio clarão da lua,  
 Aos ais do meu coração.

beber, se embalar: fôra com a  
 amada (a boca de Lyra)

